

A sinodalidade além da Igreja

Juan Manuel Hurtado López

Cadernos de Estudo OLS N.º 002 | Julho de 2024



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

Sinodalidade além da Igreja

Juan Manuel Hurtado López
Tradução: Luis Miguel Modino



Observatorio
Latinoamericano
de la Sinodalidad

Cadernos de Estudio OLS No. 002 | Julho 2024

Cuadernos de Estudio OLS • No. 002 • Julio de 2024
Título original em alemão: Sinodalidade além da Igreja
ISBN: 978-9915-9342-8-0
Segunda edição: 50 exemplares.

* * *

Consejo Observatorio Latinoamericano de la Sinodalidad

Agenor Brihthenti
Silvia Cáceres
Edward Guimarães
Moema Miranda
Alejandro Ortiz
João Décio Passos
Carlos Schickendantz
Consuelo Vélez

Autores

Agenor Brighenti y Rafael Luciani

Dirección editorial

Óscar Elizalde Prada
Rosario Hermano

Revisión de estilo

Óscar Elizalde Prada

Proyecto gráfico

Giovanny Pinzón Salamanca

Diseño y diagramación

Milton Ruiz Clavijo

Portada:

Milton Ruiz Clavijo

© 2024, Observatorio Latinoamericano de la Sinodalidad
Juana de Arco 3324 – CP 11700
Montevideo – Uruguay.
Teléfono: (598) 99 177 138
E-mail: observatoriosinodalidad@gmail.com
www.observatoriosinodalidad.org

El Observatorio Latinoamericano de la Sinodalidad es liderado por la Fundación Amerindia y cuenta con el apoyo de Porticus. Esta publicación puede ser reproducida citando la fuente.

Sinodalidade além da Igreja

I. O Concílio Vaticano II

Começo com três afirmações fundamentais do Concílio Vaticano II sobre a Igreja. Em minha opinião, elas são as três maiores afirmações eclesiológicas do Magistério do Concílio Vaticano II:

1. “A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano” (*LG 1*).
2. “A Igreja [...] recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra” (*LG 5*).
3. “Com efeito, os que crêem em Cristo, regenerados não pela força de germe corruptível mas incorruptível por meio da Palavra de Deus vivo (cfr. 1 Ped. 1,23), não pela virtude da carne, mas pela água e pelo Espírito Santo (cfr. Jo. 3, 5-6), são finalmente constituídos em “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora

é povo de Deus” (1Pd 2,9-10) (LG, 9). [...] “Ele fez do novo povo um reino sacerdotal para seu Deus e Pai” (LG, 10).

Após o inverno eclesial sob os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, é urgente retomar o Concílio Vaticano II e continuar com seu aprofundamento e sua aplicação. É isso que Francisco está fazendo. A sinodalidade à qual o Papa chama já está na categoria teológica do Povo de Deus. Mas estamos muito longe de tê-la compreendido, quanto mais de aplicá-la. É por isso que o clericalismo, essa praga dentro da Igreja, avançou.

Partindo das três afirmações eclesiológicas do Vaticano II mencionadas acima, podemos acrescentar o que São João Crisóstomo já dizia: “Igreja e sínodo são sinônimos”. Dizer Igreja é dizer sínodo, e dizer sínodo é dizer Igreja.

Essa afirmação é retomada pelo Papa Francisco em seu discurso de 17 de outubro de 2015, por ocasião do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, quando afirmou que a sinodalidade é uma dimensão constitutiva e essencial da Igreja.

Assim como dizemos que a Igreja é Una, Santa, Católica e Apostólica, devemos acrescentar e afirmar: e ela é sinodal. E na Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* sobre o Sínodo dos Bispos de setembro de 2018, na qual se pede um Sínodo sobre a sinodalidade da Igreja, insiste-se mais uma vez no fato de caminhar juntos. E para isso é necessário escutar uns aos outros: “escutar a Deus até ouvir com ele o clamor do povo; escutar o povo até respirar nele a vontade a que Deus nos chama” (EC 6). Isso nos permitirá chegar ao *sensus fidei* e reunir o *sensus fidelium* de todo o Santo Povo de Deus. É aqui que o Papa Francisco quer se colocar e convida toda a Igreja a fazer o mesmo. É para isso que serve o Sínodo sobre a sinodalidade.

Essas três afirmações eclesiológicas conciliares são a base para uma sinodalidade que não está centrada na própria Igreja, mas que é direcionada para a missão que lhe dá sua identidade. Como disse Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “A tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja. [...] Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar [...]” (EN, 14).

A Igreja é o sinal de algo, o instrumento de algo. A Igreja, portanto, está plantada no mundo para cumprir uma missão que vai além de si mesma; uma missão que coloca seu centro e seu coração fora de si mesma como instituição, para concentrar sua missão no Reino de Deus, na unidade de todo o gênero humano.

Portanto, é uma sinodalidade que tem a ver com a história, com as questões sociais, com as desigualdades sociais, com a violência e a injustiça, com os danos à Mãe Terra e com as mudanças climáticas, com a desigualdade de gênero, com os povos originários, indígenas.

2. O povo crente de San Cristóbal de Las Casas

Para dar conteúdo a essas afirmações, parto de uma experiência concreta. Estamos falando do Povo Crente da diocese de San Cristóbal de Las Casas.

O Povo Crente de San Cristóbal de Las Casas nasceu da prisão injusta de um padre, Pe. Joel Padrón, pároco de Simojovel, em 1990. O padre foi injustamente privado de sua liberdade por um mês e acusado de várias acusações, todas inventadas por seus oponentes. Ao saberem do incidente, os fiéis de sua paróquia se

organizaram e saíram em peregrinação a pé de Simojovel até Tuxtla Gutiérrez, a capital do estado de Chiapas.

O que aconteceu no caminho - a cerca de 140 ou 150 quilômetros de distância - foi que a eles se juntaram fiéis de outras paróquias, até formarem uma coluna de milhares de fiéis exigindo a pronta libertação de seu padre.

A princípio, as autoridades ficaram assustadas e ainda queriam negociar sua libertação, mas sem retirar as acusações contra ele. O padre permaneceu firme e decidiu que ou seria libertado sem nenhuma acusação contra ele ou não seria libertado.

Enquanto isso, do lado de fora da prisão de segurança máxima El Amate, mais petições para sua libertação estavam se reunindo, mais fiéis, mais pedidos para sua libertação antecipada, mais publicações sobre sua prisão. Milhares de fiéis passaram a exercer tanta pressão que se tornaram um espetáculo público do qual o governo tinha medo. Diante de tanta pressão, o governo, depois de um mês na prisão, foi forçado a libertá-lo sem nenhuma acusação contra ele.

Assim nasceu o Povo Crente. Todos os anos, no dia 25 de janeiro, data da chegada do jTatic Samuel à diocese de San Cristóbal de Las Casas, há uma grande peregrinação de todas as cidades da diocese. Às vezes, até 18.000 fiéis vêm em peregrinação. Durante a peregrinação, são feitas denúncias públicas contra a violência, contra a desigualdade de gênero em relação às mulheres, contra os danos ao território, contra as empresas de mineração, contra as serrarias clandestinas, contra os danos à Mãe Terra, contra os tratados governamentais, como o Plano Puebla Panamá. E cada uma das paróquias tem membros do Povo Crente.

Povo Crente é, portanto, um corpo eclesial que luta pela justiça e pela paz, contra a desigualdade e a violência, fazendo fortes denúncias de grupos criminosos ou contra as injustiças cometidas contra os povos originários da região: Tseltales, Tsotsiles, Ch'oles, Tojolabales, Mames, Zoques e outros que habitam o sudeste mexicano.

Povo Crente também organiza workshops, produz comunicados internacionais e cria a consciência de que somos um povo organizado cuja missão é estabelecer o reino de Deus aqui na terra e que, portanto, nossas ações devem ser libertadoras.

É uma instância em que a análise da realidade, o esclarecimento bíblico-teológico ou o Magistério da Igreja sobre essa realidade são tratados e iniciativas libertadoras são tomadas, dando-lhes força, visibilidade e eficácia.

Povo Crente tem sua própria organização, sua assembleia mensal de representantes, cerca de 80 ou 100 pessoas que relatam o que está acontecendo em suas regiões: assassinatos, desapropriação de terras, abuso por parte de empresas de mineração, extração de água com poços profundos, drogas, tráfico de drogas, derrubada de florestas, etc.

Também informa sobre a organização e as ações que cada região está realizando. Há uma reflexão bíblico-teológica para esclarecer essa realidade e são feitos acordos (*Chahpil c'op in Tseltal*). E, ao final da assembleia do Povo Crente, é impresso um boletim com todas as informações e reflexões realizadas, para que os representantes levem para todas as suas comunidades. É assim que funciona Povo Crente.

Essa experiência do Povo Crente na Diocese de San Cristóbal de Las Casas nos mostra outro aspecto da sinodalidade da Igreja. Não uma sinodalidade que permanece presa nas estruturas internas da Diocese, como os Conselhos Paroquiais, os Conselhos Pastorais Diocesanos, o Conselho Presbiteral, as Assembleias Diocesanas, para citar apenas um exemplo, mas uma sinodalidade encarnada em sua história, na qual a Igreja busca ser um sinal e um instrumento do reino de Deus.

É uma sinodalidade, como o trabalho do Povo Crente, que leva em conta as desigualdades sociais, a injustiça, a violência, os danos à Mãe Terra, a discriminação contra as mulheres e contra os grupos mais pobres dos povos originários.

3. Sinodalidade e “sementes do Verbo”

Mas não é apenas no campo social que a sinodalidade é vivida, como no caso de Povo Crente. A sinodalidade deve se estender a toda a missão da Igreja. Portanto, a sinodalidade deve ser concretizada na inculturação do Evangelho nas diferentes culturas, como vimos no Sínodo da Amazônia.

E aqui nos referimos às “sementes do Verbo” mencionadas por São Justino, Santo Irineu de Lyon e Clemente de Alexandria. Os três santos Padres da Igreja atribuem um papel ao Logos divino que semeia nas pessoas as sementes da verdade, da justiça, da beleza e da humanidade, que depois encontramos em todos os povos.

O Logos prepara a humanidade, educa-a. Mas não apenas com o Antigo Testamento para os judeus, mas também por meio da

sabedoria e da filosofia para os gregos. E assim ele prepara todos os povos para receber Cristo, a Palavra de Deus encarnada, como diz Santo Irineu.

Portanto, também aqui devemos fazer um grande progresso na sinodalidade a fim de assumir todas as riquezas, a beleza, a criatividade, o gênio, a arte, a filosofia, a experiência espiritual com que Deus Pai dotou todos os povos da Terra por meio de sua Palavra, o Logos.

E, portanto, aqui temos de tocar na liturgia. Não é possível que haja apenas um esquema de celebração: o rito romano ou as Igrejas Orientais com seus ritos ortodoxos, e os outros povos da Terra não os tenham. O Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,14), ou seja, entre todos os povos da terra, e não apenas entre o povo judeu.

E nessa área podemos dizer que, na Diocese de San Cristóbal de Las Casas, elementos e ritos da espiritualidade maia estão sendo gradualmente assumidos, como o altar maia, o rito do caracol, o *Pato'tan* (saudação ao coração), a colocação de velas diante dos santos ou diante do altar, a queima de incenso e a oferta das mulheres principais, a dança ritual, a oração nas colinas, nas cavernas, nas fontes de água. A dança ritual é realizada durante a Eucaristia como uma oferta a Deus; é uma verdadeira oração mística de harmonia e contemplação.

Mas ainda há um longo caminho a percorrer nesse caminho de inculturação antes de podermos falar de sinodalidade também na liturgia.

Como podemos ver, construir uma Igreja sinodal é uma tarefa imensa que levará décadas, se não centenas de anos. Caminhamos por centenas de anos com uma Igreja clerical, e agora é hora de dismantelá-la para que se torne uma Igreja com uma face leiga na qual os outros ministérios do Povo de Deus encontrem seu lugar.

O próprio Papa Francisco pede uma reflexão sobre o papel do Papa em uma Igreja sinodal, sem tirar o fato de que o sucessor de Pedro é o princípio da unidade na Igreja. Já vimos isso na Primeira Sessão do Sínodo sobre Sinodalidade em outubro de 2023, onde o Papa estava sentado em um dos 32 círculos de escuta, junto com os outros.

4. Os povoados-hospital de Tata Vasco

Outra referência que podemos acrescentar sobre a experiência do Povo de Deus e o que ela implica, ou seja, a sinodalidade da Igreja, é a experiência dos povoados-hospital de Dom Vasco de Quiroga em Michoacán, no século XVI. Isso é importante porque é lá que a sinodalidade que estamos buscando agora, com o Papa Francisco à frente, é vivida na prática.

Don Vasco fundou dois povoados-hospital. Um em Tacubaya, chamado Santa Fé de los Altos, no México, em 1532; e outra em Santa Fé de La Laguna, em Michocán, em 1533. Naquela época, Dom Vasco ainda era ouvidor da II Audiência no México. Mais tarde, em 1538, ele seria consagrado bispo por Frei Juan de Zumárraga, bispo do México.

Dom Vasco pensava e acreditava que na Nova Espanha era possível estabelecer um tipo de Igreja como a dos primeiros cristãos narrada nos Atos dos Apóstolos. Ele acreditava - e aqui ele colocou

toda a sua engenhosidade, sua força, sua economia, seu espírito, sua autoridade - que a comunidade cristã poderia ser construída aqui como Jesus queria que fosse.

“Pregar a eles o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo [...] e realizar a renovação da Igreja à imagem da Igreja dos Atos dos Apóstolos - disponibilidade, simplicidade, desapego, obediência [...] - e sem os vícios dos espanhóis - arrogância, egoísmo, ganância - é possível, com a força do Evangelho e de bons pregadores, criar um cristianismo testemunhal, uma verdadeira comunidade de irmãos que se ajudam mutuamente, louvam a Deus e são continuamente catequizados”.

“Com essas pessoas, tão mansas, tão simples e pobres, sem ambições de dinheiro ou ganância, é possível construir uma comunidade no estilo das primeiras comunidades cristãs. Se Deus quiser e se eles colocarem todos os seus esforços nisso, é possível. Foi uma renovação da Igreja na Europa, que havia envelhecido”.

Em um texto de Dom Vasco de Quiroga, encontramos praticamente o objetivo que ele buscava com a fundação de seus povoados-hospital: “Quero que vivam sem necessidade e sem ociosidade, na boa polícia e na doutrina cristã, sem prejuízo de sua obediência, simplicidade e humildade [...], livres do perigo das três bestas que destroem e corrompem tudo neste mundo, que são a soberba, a cobiça e a ambição”.

Mas Dom Vasco também se baseou na utopia de Tomás Moro para aplicá-la às repúblicas de indígenas que fundou. Grande parte da organização dos hospitais da cidade de Santa Fé foi extraída quase literalmente da utopia de Tomás Moro. Isso está escrito nos decretos que ele deixou como regra para seus povoados-hospitais.

Os grupos de famílias, 10 ou 12, elegem os chefes de família: quatro, e esses elegem o “principal”, que serve por três ou seis anos. Eles também elegem os “regidores” por um ano. Juntamente com o “principal”, eles elegem os outros cargos e ofícios do hospital para o aprendizado de artesanato, ofícios, cuidados com o gado, sementeira, armazenamento e distribuição de frutas.

O princípio é: “a cada família de acordo com suas necessidades, e cada um contribui de acordo com suas posses”. Não havia reeleição nos cargos que compunham uma unidade habitacional, de modo que todos participavam da direção de sua vida comunitária. Assim, havia rodízio nos cargos ocupados no povoado-hospital.

As artes e os ofícios que ali aprendiam, a doutrina cristã, as celebrações repletas de símbolos em suas próprias línguas, a maneira como se governavam e elegiam suas autoridades: os chefes de família, os diretores, o superintendente das fazendas agrícolas, o reitor da vila hospitalar, que era eleito por Dom Vasco, as peças teatrais a que assistiam e a figura do pastor compassivo, bondoso e próximo, Dom Vasco, tudo isso contribuía para viver a sinodalidade, para caminhar juntos como Povo de Deus.

As aldeias-hospitais fundadas por Dom Vasco eram verdadeiras repúblicas de indígenas, com tudo o que era necessário para seu funcionamento: organização com a participação de todos, vários cargos, regulamentos claros para sua vida civil e atenção ao campo religioso com a doutrina cristã.

A doutrina cristã consistia em duas partes: (1) uma breve exposição da religião cristã; e (2) um livro de doutrina moral e externa que, da mesma forma, tem duas seções: (a) a honesta e proveitosa, que é a educação cívica e urbana, as virtudes, o comportamento

social; e (b) a proveitosa e útil, inspirada no *De officiis* de Santo Ambrósio. Esse é o aspecto do aprendizado de artes e ofícios, o cultivo da terra e a criação de gado para sua manutenção.

Alguns autores escrevem que o povoado-hospital de Santa Fé de La Laguna, em Michoacán, tinha 30.000 habitantes.

Além disso, toda a educação dada ali estava repleta do humanismo de Santo Ambrósio, Don Vasco de Quiroga, Francisco de Vitoria, Erasmo, Sepúlveda, Gershom, Tomás Moro e Cardeal Cayetano. Esse humanismo ainda hoje é perceptível nas aldeias de Michoacán.

Quanto à duração dos povoados-hospital de Don Vasco de Quiroga, temos documentação que comprova que elas existiram por 340 anos. Elas desapareceram com a Lei Juárez de 1859. O ato de extinção dos povoados-hospital é datado de 3 de fevereiro de 1872.

5. Conclusão

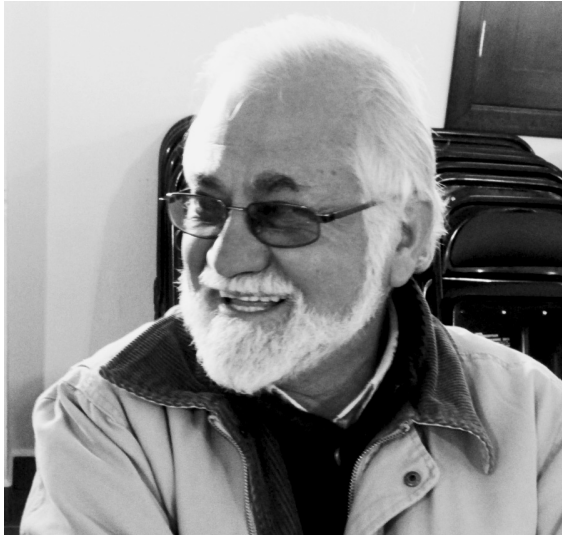
Com base no Magistério do Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, e nos exemplos dados acima, acreditamos que a sinodalidade da Igreja vai muito além dela mesma e deve estar centrada no Reino de Deus. Isso é para que o campo da história, do social, não seja deixado de lado.

A Igreja deve ser sempre o sinal e o instrumento do Reino de Deus pregado por Jesus e realizado por meio de sinais, como aparece nos Evangelhos. A sinodalidade, como dimensão constitutiva da Igreja, não pode prescindir dessa missão.

Notas

- 1 ____ JOÃO CRISÓSTOMO. Explicatio in Psalmum 149: PG 55, 493.
- 2 ____ O Papa Francisco disse explicitamente que “a sinodalidade, como uma dimensão constitutiva da Igreja, nos oferece a estrutura interpretativa mais apropriada para entender o próprio ministério hierárquico”. Se entendemos que, como diz São João Crisóstomo, “Igreja e Sínodo são sinônimos” - porque a Igreja não é outra coisa senão o “caminhar juntos” do rebanho de Deus ao longo dos caminhos da história que vai ao encontro de Cristo Senhor -, entendemos também que dentro dela ninguém pode ser “elevado” acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja é necessário que alguém “se rebaixe” para se colocar a serviço de seus irmãos e irmãs ao longo do caminho”. FRANCISCO (2015). Discurso para a comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos. 17 de outubro de 2015.
- 3 ____ A diocese e a cidade de San Cristóbal de las Casas está localizada nas terras altas do estado de Chiapas, no sul do México.
- 4 ____ Samuel Ruiz García (1924 - 2011) foi um bispo mexicano que defendeu os direitos dos povos indígenas, especialmente na região de Chiapas, onde foi reconhecido como “jTatic”.
- 5 ____ Cf. JUSTINO, I Apología 23,1-2; I, 46 y 11,10; CLEMENTE ALEJANDRINO, Pedagogo 1,1; IRENEO, Adversus Haereses III, 18. Sources chretiennes Vol 211, pp. 342-344.
- 6 ____ HURTADO LÓPEZ, Juan Manuel (1999). Don Vasco de Quiroga. Una lectura histórica, teológica y pastoral. México: Ediciones Dabar, p. 68. Ele escreve isso em sua primeira carta ao Conselho Geral das Índias, em 14 de agosto de 1531, e a repete em sua Información en Derecho, de 1535.
- 7 ____ Ibid.
- 8 ____ WARREN, J. Benedict. (1990). Vasco de Quiroga y sus pueblos-hospitales de Santa Fe. 2.ª edición. Morelia: Universidad Michoacana, pp. 156-157; HURTADO LÓPEZ, Juan Manuel (1999). Op. cit., p. 53.
- 9 ____ HURTADO LÓPEZ, Juan Manuel (1999). Op. cit., p. 60.

Juan Manuel Hurtado López



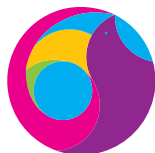
Nasceu em 1948 em Arandas, Jalisco (México). Estudou teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma (Itália). Recebeu seu doutorado da Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Münster (Alemanha) em 1979, sob a orientação de Johann Baptist Metz.

Ordenado sacerdote em 1981 na diocese de Ciudad Guzmán, Jalisco, dividiu seu tempo entre o trabalho pastoral e o ensino de filosofia e teologia. Por muitos anos, acompanhou os povos maias do sudeste do México. Ele também ensinou teologia fundamental e antropologia teológica no Seminário Diocesano por 40 anos e, na última década, ensinou filosofia mexicana e filosofia da libertação.

É membro fundador da Asociación Teológica Ecuménica Mexicana (ATEM) e, nos últimos anos, tem sido membro da Equipe de Coordenação da Amerindia Continental, participando também da equipe de trabalho do Foro Social de Teologia da Libertação (FSTL).

Publicou várias obras e inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais, incluindo *Concilium*. Foi palestrante em simpósios teológicos, professor em cursos de pós-graduação e conferencista na Alemanha, Brasil, Canadá, Colômbia, Dakar, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, Itália e México.

À luz do Concílio Vaticano II e do reconhecimento de que “Igreja e sínodo são sinônimos” - citando São João Crisóstomo -, o teólogo mexicano Juan Manuel Hurtado López argumenta que a sinodalidade, vertida na missão que dá identidade à Igreja, não se concentra exclusivamente no interior da Igreja. A sinodalidade também tem a ver com a história, com as questões socioambientais, com a violência e a injustiça, com a desigualdade de gênero e com os povos indígenas, entre outras realidades nas quais se encarna a missão evangelizadora da Igreja. Hoje, como no passado, experiências como o Pueblo Creyente de San Cristóbal de las Casas, ou os povoados-hospital de Vasco de Quiroga no século XVI, confirmam que “a sinodalidade da Igreja vai muito além de si mesma e deve estar centrada no Reino de Deus”, como afirma o autor.



Observatório
Latino-americano
da Sinodalidade

ISBN: 978-9915-9342-8-0



9 789915 934280